



DIÁLOGOS, PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES SOBRE FEMINISMOS

Resenha

DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. *Esperança Feminista*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

Lorena de Oliveira¹

O livro “Esperança Feminista” foi publicado em 2022 como resultado de uma parceria entre as autoras Debora Diniz e Ivone Gerbara. A obra está dividida em doze capítulos, cada um representando um verbo considerado essencial para se pensar em feminismos na atualidade. Indicado pelas próprias autoras como “verbos feministas”, cada capítulo indica uma ação necessária “para a construção de uma desobediência criativa ao patriarcado e suas tramas” (DINIZ; GEBARA, 2022, p. 09). Cada capítulo traz a escrita de cada autora de forma separada e individual, apesar de relacionadas, sempre começando por Debora e, na sequência, Ivone.

Assim como o livro fala sobre a importância de se pensar em feminismos, no plural, a própria parceria entre as autoras reflete como a produção de conhecimento e a atuação política podem ser diversificadas. Enquanto Debora Diniz é professora universitária, antropóloga, pesquisadora, ensaísta e documentarista brasileira, já bem conhecida pela atuação política e participação nas redes sociais, Ivone Gebara é uma freira católica, filósofa e teóloga feminista brasileira. A aproximação de ambas resultou neste livro que tem o objetivo principal de criar “aproximações éticas, amorosas e de cumplicidade entre nós” (feministas), como destacado na primeira orelha escrita por Carla Akotirene, também pesquisadora brasileira.

¹ Mestranda em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Goiás (UFG), bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Especialista em Ciências Criminais pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Formada em Direito pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente é membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Dialogus - Estudos Interdisciplinares em Gênero, Trabalho e Cultura, da Universidade Federal de Catalão (UFCAT) e do Grupo Direito e Sexualidade, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Tem interesse nas áreas do feminismo, interseccionalidades, sexualidade, gênero e violências relacionadas.

Os capítulos, ou melhor, os verbos feministas escolhidos pelas autoras foram: ouvir, imaginar, aproximar, acalentar, lembrar, reparar, recriar, celebrar, compartilhar, perguntar, falar e desobedecer, nesta ordem.

No primeiro capítulo, as autoras demonstram a diferença entre ouvir e escutar, destacando este último como um ato ético. Assim, ambas ressaltam a importância de nos colocarmos no papel de “escutadeiras”, destacando dizeres da autora bell hooks (2021) sobre a pedagogia feminista. Neste sentido, ressaltam que “quanto mais diverso for o feminismo, mais inclusiva será nossa escuta e capacidade de transformação” (DINIZ; GEBARA, 2022, p. 23), de tal modo que, após a escuta, o silêncio e a obediência que o patriarcalismo impõe às mulheres não serão mais aceitos. Este também é um dos fundamentos pelos quais as autoras defendem o uso do termo “feminismos”, por considerá-lo mais adequado para retratar a multiplicidade de identidade e de lutas dentro do movimento.

O verbo escolhido para o segundo capítulo foi “imaginar”. Nesta seção as autoras destacam a importância de entender que somente os estudos teóricos sobre feminismos não são suficientes e que devemos também observar o nosso cotidiano para melhor compreender as realidades dos diferentes grupos vulneráveis, sobretudo no que se refere às mulheres. Ainda, Ivone destaca a importância da imaginação para conseguirmos repensar nossas experiências, além de criar novas possibilidades de atuação voltadas à igualdade de direitos.

Já no terceiro capítulo as autoras trabalham com o verbo “aproximar”. Debora destaca a impossibilidade de se fazer uma pesquisa imparcial, tendo em vista que as nossas vivências são refletidas na prática acadêmica. Ivone, por sua vez, destaca a necessidade da aproximação com o que é trabalhado, pois “o genérico nos permite discursos até comoventes, mas é bem pouco eficaz no sustento da vida” (DINIZ; GEBARA, 2022, p. 77).

O próximo verbo feminista trabalhado é “acalentar”, pelo qual as autoras destacam a relação das tarefas de cuidado no cotidiano das mulheres. Neste sentido, Debora resalta que quanto mais vulnerável for uma mulher, mais estará responsável pelas tarefas de cuidado, as quais se traduzem em uma forma de trabalho invisível e não remunerado. Por sua vez, Ivone destaca como os feminismos têm o poder de acalentar as mulheres, despertando nelas o desejo de liberdade.

O próximo verbo trabalhado é “lembrar”. Neste capítulo as autoras ressaltam como o patriarcado apagou lutas e silenciou mulheres ao longo dos anos, as quais foram esquecidas no curso da história e na bibliografia das teorias sociais. Assim, as autoras nos recordam de importantes lutas que foram exitosas nos movimentos feministas, fazendo um adendo de que, por mais que o movimento feminista, no geral, ainda seja bastante criticado e negado, não há como apagá-lo da história, da política, da cultura, etc., em razão das mudanças que provocou no meio social.

A sexta ação escolhida foi “reparar”. Nesta seção, as autoras usam o verbo para relacionar com a própria luta feminista, no sentido de que os feminismos podem (e devem) reparar tudo aquilo que foi desconstruído pelo patriarcado, destacando que “a reparação é um refazer da história” (DINIZ; GEBARA, 2022, p. 139). Já no sétimo capítulo, discorrendo sobre a ação “recriar”, Debora resalta como o movimento feminista foi remodelado nos últimos anos, sobretudo pela transição entre as gerações e também pelo intuito de afastá-lo da branquitude. Neste sentido, resalta como a interseccionalidade foi um fator essencial para que hoje em dia seja compreendida a importância de se falar em “feminismos” e não apenas em um único movimento feminista global. Assim, a autora destaca que “é nossa importância a eterna recriação do feminismo” (DINIZ; GEBARA, 2022, p. 165).

O oitavo capítulo nos indica o verbo “celebrar”, no qual se estabeleceu uma relação com a seção anterior e as ideias apresentadas foram mantidas. Porém, nesta seção, as autoras apresentam um caráter mais otimista em relação à luta feminista e relacionam com o próprio título do livro. Neste sentido, Debora discorre um pouco sobre o otimismo, mas definindo-o como um afastamento do pessimismo, o qual é, em suas palavras, “um afeto útil ao patriarcado” (DINIZ; GEBARA, 2022, p. 187). Já Ivone deixa claro que a luta feminista pode sim ser uma festa, desde que olhemos tudo o que já foi conquistado, mas mantendo em mente o que ainda é objeto de reivindicação. Assim, a autora afirma que a luta feminista é uma forma de se crer que o futuro pode ser e será melhor, remetendo à esperança feminista.

Ao falar sobre compartilhar, o nono verbo, as autoras destacam que parte da solidificação dos feminismos decorre da partilha entre as mulheres. Assim, destacam não somente o compartilhamento de experiências, mas sim de privilégios e poderes, pelos quais é possível compreender as diferentes realidades e as desigualdades que permeiam

os diversos grupos de mulheres. Um importante destaque feito neste capítulo se refere ao compartilhamento de saberes e à atenção necessária para que não ocorra o chamado “epistemicídio”, conceituado a partir de Djamila Ribeiro como “o apagamento sistemático de produções e saberes produzidos por grupos oprimidos” (RIBEIRO, 2019, p. 61).

O décimo verbo é “perguntar”, o qual é apontado pelas autoras como essencial para se falar em feminismos, tendo em vista que, conforme Paulo Freire e Antonio Faundez (2017), antes de perguntar, há sempre um instante de espanto, o qual provoca o questionamento. Deste modo, Debora ressalta que há uma certa valentia em quem pergunta e em quem escuta e que as perguntas mais simples são aquelas que provocam efeitos mais radicais. Ainda neste sentido, Ivone destaca que, em decorrência da subjugação das mulheres, suas perguntas sempre foram consideradas de pouca importância. Assim, é essencial que haja questionamento e que as respostas sejam coerentes, para que não caia no que a autora definiu como “feministômetro”, ou seja “uma cópia feminina dos confeitos de julgamento patriarcal” (p. 236). Ainda neste sentido, Ivone diz que:

Nossas perguntas e respostas feministas não podem exigir de nós um enquadramento em modelos fixos de feminismo a partir de uma ortodoxia exclusivista sem autocrítica e até desastrosa, sem que percebamos a complexa realidade que somos e na qual vivemos. (DINIZ; GEBARA, 2022, p. 236)

Já no décimo primeiro capítulo, as autoras trabalham com o verbo “falar”, destacando que ao se falar em feminismos, sempre devemos pensar em várias vozes. Neste sentido, Debora destaca que antes do “eu falo”, sempre há o “elas falam”, de tal modo que o verbo falar não é algo individual e que o falar feminista nos remete a uma ideia de assembleia, ou seja, sempre com outras. Assim, a autora destaca, a partir de María Lugones (2014, p. 948): “a tarefa da feminista decolonial inicia-se com ela vendo a diferença colonial e enfaticamente resistindo ao seu próprio hábito epistemológico de apagá-la”. Assim, Debora ressalta a existência de pluralidade de corpos e que não se pode temê-la, pois é a partir desta interseção que é possível criar novas formas de se viver em comunidade.

Por fim, o último verbo escolhido foi “desobedecer”. É interessante destacar que neste capítulo Debora inicia suas considerações destacando a figura da “feira

desobediente”, referindo-se a Ivone Gebara e informando que foi o único verbo feminista escolhido por esta para a escrita do livro. Ivone, por sua vez, destaca o narcisismo dentro do movimento feminista, relacionando-o com o grupo privilegiado de mulheres que possuem a atenção da sociedade e a utiliza para definir o que é feminismo apenas pelas suas próprias experiências. Assim, Ivone destaca como este narcisismo pode provocar apagamento e, em contrapartida, ressalta a importância de haver uma desobediência feminista. No entanto, a autora finaliza suas reflexões ressaltando que a tentativa de incluir todas as vozes no discurso feminista está fadada ao fracasso, tendo em vista que muitas ainda são contrárias às demandas por igualdade e que este enfrentamento não tem fim. Assim, ela finaliza propondo para que o debate seja mantido em aberto: “para que o pluralismo de muitas e a diversidade de perguntas e respostas possam emergir e tenhamos condições de decidir os rumos de nossa história de obediências e desobediências” (DINIZ; GEBARA, 2022, p. 276).

Deste modo, diante de tudo o que foi exposto e trabalhado pelas autoras no decorrer do livro, podemos dizer que ele se traduz em uma espécie de manifesto sobre os feminismos no Brasil. Apesar de deixar claro vários dilemas da luta feminista, tanto na teoria quanto na ação, o livro também é um acalento ao nos lembrar de tudo o que já foi adquirido a partir da luta, além de conseguir falar sobre o tema forma poética e incentivadora. Tal fato é importante tanto para quem já se dedica ao tema há vários anos, tanto para aquelas/es que estão se familiarizando, uma vez que abre os horizontes para novas possibilidades e ferramentas de luta sem deixar de lado a história e as conquistas dos feminismos contra o sistema patriarcal no decorrer dos anos. Assim, é possível compreender o motivo de cada verbo ter sido escolhido e porque chamá-los de feministas.

O livro é uma boa leitura para refletir sobre o tema, sem trabalhá-lo com rigor científico ou acadêmico. Assim, é uma fonte de inspiração para instigar novos problemas de pesquisa, modos de resistência e também para relacionar temáticas. Neste sentido, destacamos como a interseccionalidade foi apontada pelas autoras, de forma certa, como um meio de recriar o movimento feminista na atualidade, tendo em vista que esta vertente tem em sua essência a análise do ponto de atravessamento de diferentes eixos discriminatórios, os quais geram diferentes experiências para cada grupo de mulheres, a depender de suas interseções (AKOTIRENE, 2018).



Por fim, é necessário ressaltar que este livro, sobretudo no momento em que foi lançado, em março de 2022, após anos de um governo extremista e na expectativa de novas eleições, realmente nos incentiva a acreditar em uma esperança feminista e trabalhar neste sentido, acreditando que o futuro pode/deve ser melhor para as mulheres.

Deste modo, como ressaltado pelas autoras durante a obra, é a partir da troca entre as mulheres e entre os feminismos que o movimento se fortalece e se reinventa na sociedade atual, ampliando suas pautas e intensificando as reivindicações. Neste sentido, “o feminismo se recria no gesto de encontro de uma mulher com outra” (DINIZ; GEBARA, 2022, p. 160) e este livro é o convite ideal para este compromisso.

Referências bibliográficas

AKOTIRENE, Carla. *O que é interseccionalidade?* 1ª ed. São Paulo: Ed. Letramento, 2018.

DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. *Esperança Feminista*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

hooks, bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. 16ª ed. Tradução de Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2021.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis-SC, v. 22, n. 3, p. 935-952, setembro/dezembro, 2014.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.